ZELMIRA

DRAMA SERIO

EM

DOUS ACTOS

PARA SE REPRESENTAR

NO

REAL THEATRO

DE

S. CARLOS.

LISBOA: 1839. — TYPOGRAFIA LISBONENSE.
Largo do Conde Barão n.º 21.

ARGUMENTO.

Reinava na Ilha de Lesbos o ancião Polidoro, e era completamente feliz nos ultimos annos da sua vida, porque era amado dos seus povos, e sua filha, e o valoroso Ilo, principe troiano, lhe consagravam o mais terno affecto. Chamado este a debellar um formidavel inimigo que ameaçava os seus estados, foi obrigado a ausentar-se de Lesbos. Azor, senhor de Mitylene, irritado contra Polidoro, porque lhe havia negado a mão de Zelmira, approveitou esta occasião para invadir com numeroso exercito o seu reino espalhando por toda a parte estrago e terror. Todavia a sua vingança não estava saciada, e só a morte de Polidoro podia satisfazer o seu feroz coração. Zelmira achou o meio de salvar o pai, fazendo-o occultar em um subterraneo em que estavam depositadas as cinzas dos reis de Lesbos, e para que ninguem podesse suspeitar onde elle estava, com apparente ferocidade se appresentou ao usurpador, e fingindo desejar a morte de seu pai porque a havia privado de tão ditoso consorcio, lhe disse que Polidoro estava refugiado no templo de Ceres. Então Azor condemnou ás chammas aquelle respeitavel recinto. Entretanto

Antenor que ambicionava o throno de Mitylene, coadjuvado por Leucippo, fez durante a noute dar a morte a Azor e chegou com seus artificios a occupar os thronos de Lesbos e Mitylene. Porém Ilo, desbaratados os seus inimigos, chegou opportunamente a Lesbos com seus valentes guerreiros, e animando o povo sempre fiel ao seu soberano, venceo o usurpador e restabeleceo Polidoro na posse de seu throno,

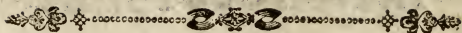
Este argumento ornado com agradaveis episodios foi em parte extraído da tragedia = Zelmira do Sr. Belloq, e a musica é reputada uma das obras mais classicas do immortal Rossini.

INTERLOCUTORES.

POLIDORO, rei de Lesbos e pai de
Sr. Filippe Coletti.
ZELMIRA, esposa de Ilo.
Sra. Santina Ferlotti.
ANTENOR, general de Mitylene.
Sr. Antonio Conti.
ILO, principe Troiano
Sr. Francisco Regoli.
EMMA, amiga de Zelmira.
Sra. Marianna Hazon.
LEUCIPPO, confidente de Antenor.
Sr. José Ramonda.
UM MENINO de Zelmira.
SOLDADOS de Mitylene.
PARTIDARIOS de Ilo.
SACERDOTES.
DONZELLAS confidentes de Zelmira.
SOLDADOS de Ilo.

A acção se representa em Lesbos e seus contornos.

A Musica é do celebre Mestre compositor *Rossini.*

A 3.ª Scena do 1.º acto foi pintada pelo Sr. Luis Muriel.

ATTO I.

SCENA I.

Campagna vicina alle mura di Lesbo. Al lato dritto ingresso alle tombe dei re di Lesbo ingombro in parte da annosi cipressi che lo circondano.

Varj gruppi di guerrieri di Mitylene sbigottiti attraversano la scena; altri vi si aggirano nel massimo disordine; indi Leucippo, ed infine Antenore.

Coro di guerrieri.

Taluni. Oh sciagura!
Altri. Oh infausto evento!
I primi. Dei! qual notte!
Gli altri. Oh tradimento!
Tutti. Mi si agghiaccia in seno il cor!
Leu. Ciel! che avvenne? (*giungendo.*)
Coro. Accorri, o forte.

ACTO I.

SCENA I.

Campina proxima aos muros de Lesbos. Do lado direito entrada do jazigo dos reis de Lesbos sombreado em parte de velhos cyprestes que o cercam.

Varios grupos de guerreiros de Mitylene espantados atravessam a scena, outros passeiam agitados; depois Leucippo, e finalmente Antenor.

Coro de Guerreiros.

Alguns. Oh desgraça!
Outros. Oh infausto evento!
Os 1.os Deuzes! que noute!
Os outros. Oh traição!
Todos. O sangue gela nas veias!
Leu. Ceo que aconteceu? (*chegando.*)
Coro. Acode, ó forte, sabe.... oh pena!

Sappl.... oh pena!

Leu. E che?

Coro. Trafitto
Sulle piume, in grembo a morte
Giace Azor.

Leu. Che ascolto! Azor!
E qual man lo ha trucidato?

Coro. Ah! Signora...

Leu. Oh prence amato!
Tu rapito al nostro amor?
Su, vendetta.... e che si aspetta?
Si conosca il traditor.

Coro. Si, ti affretta alla vendetta,
Sia punito il traditor.

Ant. Che vidi! Amici! oh eccesso!
Là il prence è spoglia esangue,
Il mio vigor già langue,
M'opprime lo stupor.
Odo le tue querele,
Spettro fremente, irato;
Ma il malfattor crndele
Che ha il sangue tuo versato,
Fra l'ombre degli abissi
Dovrá seguirti or or.

Leu. In te il suo vindice
Ciascuno addita,
Di Azore Antenore
Sia successor.

Coro. Si, regna, o principe.

Leu. Mas que?

Coro. Ferido, no seu leito jáz o exanime Azor.

Leu. Que ouço! Azor! e quem será o author da sua morte?

Coro. Ah! ignora-se.

Leu. O' principe amado! Tu foste roubado ao nosso amor? Eia, vingança... que se espera? Descubra-se o traidor.

Coro. Sim appressa a vingança seja punido o traidor.

Ant. Que vi! amigos! oh excesso! O principe ali jaz extincto, a tal lance falta-me o valor, e sou opprimo de terror. O' irado, e inulto espectro eu ouço os teus lamentos, porém será castigado quem derramou o teu sangue; não tardará a seguir-te no horror dos abysmos.

Leu. Todos em ti designam o seu vingador, todos vêm em Antenor o successor de Azor.

Coro. Sim, reina, ó principe, chama-te

Al tron t'invita
Il voto unanime
Del nostro cor.

Ant. (Sorte secondami!
Quest'alma ardita
Va il prezzo a cogliere
Del tuo favor.)

(I guerrieri partono.)

Leu. Siam soli.

Ant. Oh amico!

Leu. Brami di più? Di Lesbo e Mitilene
Giá il soglio é tuo: ne sgombra a te il sentiero
Questa destra che tinta
E' del sangue di Azor.

Ant, Non basta: estinta
Dé re di Lesbo ancora
Non é la prole, e di Zelmira il figlio...

Leu. L'empia sua mano, che la tomba schiuse
Al vecchio genitor, tolse ogni dritto
Sul tron degli avi al germe
Di un principe stranier.

Ant. Farla più rea
Ne giovera Leucippo.

Leu, Il mio disegno
Penetrasti, o signor. Le fila ordite
Giá son, perche si creda
Della morte di Azor Zelmira autrice.

Ant. A te mi affido.

ao throno o voto unanime dos nossos corações.

Ant. (O' sorte, favorece-me! Minha alma audaciosa vai oolher o fructo do teu favor.)

(os guerreiros partem.)

Leu. Estamos sós.

Ant. Oh amigo!

Leu. Que mais queres? A minha dextra ainda tinta do sangue de Azor te franqueou o throno de Lesbos e Mitylene.

Ant. Não basta: ainda não foi de todo extincta a prole de Lesbos, e o filho de Zelmira....

Leu. A mãi impia delle, que deo a morte ao velho pai, privou de todo o direito ao throno avito o filho de um principe estrangeiro.

Ant. Convem, Leucippo, torna-la ainda mais criminosa.

Leu. O meu designio advinhaste, ò senhor. A trama já está urdida; Zelmira será julgada authora da morte de Azor.

Ant. Confio em ti.

Leu. Io volo
L'opra a comprir.
Ant. Va, mio sostegno. Oh quale
Ben dovuta mercede
A te la mia riconoscenza appresta!
Leu. Regna felice, e la mercede é questa.

SCENA II.

Zelmira s'incontra con Emma, che la discaccia con racappriccio.

Zel. Non fuggirmi....
Em. Dileguati!
Zel. Mi ascolta....
All'amica Zelmira
Volgi pietosa il ciglio.
Em. Oh cor piú fiero
D'Ircana belva! Oh snaturata figlia
Che al furor di nemici
Espose il genitor! Poss'io mirarti
Senza fremito e orror?
Zel. T'inganni.... io sono....
Em. Di barbarie inaudita
Il primo esempio.
Zel. Ah! no.... mi segui.
Em. E dove?....
Forse a pascere lo sguardo
Su gl'insepulti avanzi

Leu. Eu vou dar principio á obra.

Ant. Vai, meu amparo. Ah! qual premio te prepara a minha gratidão!.

Leu. Reina feliz, este é o premio que ambiciono.

SCENA II.

Zelmira encontra Emma que a repelle com horror.

Zel. Não me fujas...
Em. Vai-te.
Zel. Escuta por piedade a tua amiga Zelmira.

Em. Tens coração mais feroz que as feras hircanas! filha desnaturada, tu exposeste teu pai ao furor dos seus inimigos! Eu não posso olhar para ti sem horror e estremecimento.
Zel. Estás enganada... eu sou....
Em. De barbaridade inaudita o primeiro exemplo.
Zel. Ah! não, segue-me.
Em. Aonde? Talvez para eu contemplar os restos insepultos do author dos teus dias?

Dell'autor dé tuoi giorni?

Zel. Ah! meglio apprendi
A conoscer Zelmira.

Em. E che?

Zel. Mi giura
Inviolabil silenzio.

Em. E' il tuo misfatto
Palese appien.

Zel. Sono innocente.... il padre....
Guarda.... siam sole?

Em. Alcun non ti ode.

Zel. Ebbene,
Meco scendi, e vedrai
Che ingiusta sei, che mi oltraggiasti assai...

(Assicuratasi di non essere osservata, prende per mano Emma, si avanza verso la tomba, e vi s'introduce com Emma.)

Zel. Aprende a melhor conhecer Zelmira.

Em. Como?
Zel. Jura inviolavel segredo.

Em. O teu crime é nimiamente conhecido.
Zel. Sou innocente.... o pai... olha...
estamos sosinhas?
Em. Ninguem te ouve.
Zel. Pois bem, vem comigo, e verás quanto foste injusta injuriando-me.

(Tendo examinado que ninguem a observa toma pela mão Emma, e vai para o tumulo com ella.)

SCENA III.

Sotterraneo. Veggonsi magnifiche urne, e maestosi mausolei inalzati alle ceneri dé sovrani di Lesbo.

Polidoro, immerso né suoi tristi pensieri, e appoggiato alla base di una colonna. Scuotesi dalla sua concentrazione, guarda sull'alto, e nel vedere giá sorto il nuovo giorno esclama :

Pol. Ah! giá trascorse il dí....
Altro ne sorge ancor....
Né riedi al genitor,
Zelmira amata?
Se lungi dal tuo sen
Deggio penar cosí,
Chiuda i miei lumi almen
La sorte irata.
Giusto Ciel, la mia figlia
Fa che torni a questo seno,
E morró contento appieno,
Morte orror non mi fará.
Dé crudeli miei nemici
Non pavento le ritorte,
E sfidar sapró da forte
Del destin l'avversitá.

SCENA III.

Subterraneo. Veem-se magnificas urnas, e mausoleos magestosos erigidos ás cinzas dos soberanos de Lesbos.

Polidoro está entregue aos seus tristes pensamentos, e encostado á base de uma columna. Saindo da sua concentração olha para cima, e vendo que já apparece o novo dia exclama :

Pol. Já decorreo mais um dia e appareceo um novo, e Zelmira ainda não volta aos braços do pai? se eu assim devo gemer longe de ti, prefiro que a sorte me tire a existencia, Justo Ceo, concede-me de abraçar minha filha, e morrerei satisfeito sem causar-me horror a morte. Não me atterram os tormentos que me fazem soffrer os meus inimigos; pois sei com firmeza arrostar o rigor da sorte.

SCENA IV.

Discendono dall'alto Zelmira ed Emma.

Pol. Ma m'illude il desio? Nó... Ciel pietoso
Grazie ti rendo! Ecco la figlia.... E quella
Che la segue che é mai?

Zel. Miralo...

Em. Oh stelle!
Che veggo? Egli respira?
Oh qual sorpresa!

Zel. Oh padre mio!

Pol. Zelmira!
Soave conforto
Di padre dolente!
Nel giubilo assorto
Più affanni non sente
Il cor che desia
Sol viver con te.

Zel. Le braccia mi stendi
Mio dolce ristoro!
Men fiero tu rendi
L'acerbo martoro,
Che l'anima opprime
Se teco non é.

Em. Da gioja e stupore
Confusa ed oppressa,

SCENA IV.

Baixam Zelmira e Emma.

Pol. Mas não me illude o desejo? Não... Eu te dou graças, Ceo piedoso! aqui está minha filha..... E aquella que a accompanha quem será?

Zel. Observa-o.

Em. Oh Ceo! que vejo? elle respira? Oh gloria!

Zel. Ah meu pai!

Pol. Zelmira! suave conforto de um pai afflicto! O meu coração absorto em jubilo nada mais deseja senão de viver comtigo.

Zel. Estende os braços minha doce consolação! Tu moderas o cruel martyrio que soffre a minha alma quando está ausente de ti.

Em. A alegria confunde e opprime a mi-

Ho l'alma perplessa,
Non sono più in me!

Zel. e Pol. Oh grato momento!
Oh immenso contento!
Dal fato non spero
Piú bella mercé!

Pol. Ma dí, perche costei
In questo asilo?...

Zel. Intendo.
Non paventar di lei:
Mi é fida.

Pol. I dubbi miei
Perdona....

A 3. (Oh qual fragor!)

Pol. Figlia.., ti appressa.... ascolta.

Zel. Risuona questa volta
Di marzial concento!

Em. Lontane strida io sento!

Zel. Padre, ti lascio... addio!

Pol, Tu mi abbandoni?

Zel. E' d'uopo
Saper che avvenne.

Pol. Ah resta!
Tu accresci il mio timor.

A 3. Qual crudeltade é questa!
Ah! mi si spezza il cor.

Zel. Se trova in te scampo
L'oppresso innocente,
Tu salvami il padre,
O Nume clemente.

nha alma perplexa, a ponto que estou fóra de mim!

Zel. e Pol. Oh doce momento! oh immenso prazer! não posso obter do fado mais grata recompensa!...

Pol. Mas aquella que vem buscar neste asylo?

Zel. Entendo, não receies, estou segura da sua fidelidade.

Pol. Desculpa os meus receios...

A 3. (Mas que ruido é este!)

Pol. Filha.... chega-te.... escuta.

Zel. Retumba esta abobeda de musica marcial!

Em. Ouço gritos ao longe!

Zel. Pai, deixo-te... adeus!..

Pol. Tu me abandonas?

Zel. Devo informar-me do que aconteceo.

Pol. Ah! fica! tu augmentas o meu receio.

A 3. Que cruel momento é este! o meu coração se despedaça!

Zel. Oh Ceo! se em ti acha protecção o

E pera la figlia
Pel suo genitor.

Em. Se trova in te scampo
L'oppresso innocente,
Tu salvale il padre,
O Nume clemente;
Di misera figlia
Ti mova il dolor.

Pol. La mente é in un vortice,
Non ho più consiglio!
Mi opprime l'imagine
Di un nuovo periglio....
Oh stelle! cessate
Dal vostro furor.

Zel. Cessa il clamor.

Em. Tutto è silenzio.

Pol. Ah! forse
L'usurpatore Azor di compri evviva
Fra bellico fragor pascea l'orgoglio.

Zel. Ah! non tel dissi: estinto
Da ignota man fu l'oppressore indegno,
Che a te rapì lo scettro, e a me la pace.

Pol. Quando?

Zel. La scorsa notte, e mentre al sonno
Chiuse le luci avea... Ma il tempo vola....
Deggio lasciarti Al par del tuo penoso
E' il viver mio.

innocente opprimido, salva meu pai, embora pereça a filha.

Em. Oh Ceo! se em ti acha protecção o innocente opprimido, salva seu pai, excite a tua piedade a afflicção de uma misera filha.

Pol. A minh'alma confusa está descorçoada! a idéa de um novo perigo me assusta.... Oh Ceos! suspendei o vosso furor.

Zel. Cessa o tumulto.

Em. Tudo está em silencio.

Pol. Talvez que satisfizesse o proprio orgulho o usurpador Azor por meio de militar estrondo, e mercenarios vivas.

Zel. Porém não te narrei ainda que o indigno oppressor, que te roubou a paz e o throno, foi morto por mão estranha.

Pol. Quando?

Zel. A noute passada, durante o somno... Mas devo deixar-te. A minha existencia não está menos amargurada do que a tua.

Em. Serba i tuoi giorni.
A 3. Addio.

SCENA V.

Piazza. Tempio de Giove da un lato.

Al suono di marcia festiva, preceduto dai suoi guerrieri, giunge il principe Ilo.

Coro di guerrieri.

S'intessano agli allori.
I mirti di Cupido,
E da per tutto il grido
Eccheggi del piacer!
Dopo i marziali orrori,
Imen fra le sua tede,
Oh quanti a te concede
Istanti di goder.

Ilo. Terra amica, ove respira
La consorte, il figlio amato,
Qual contento in sen m'ispira
Quell' aspetto lusinghier!
Là fra l'arme, e mentre intorno
Si aggirava a me il periglio,
Riveder la sposa, il figlio
Era il mio dolce pensier.

Em. Conserva-te.
A 3. Adeus.

SCENA V.

Praça. Templo de Jupiter do um lado.

Ao som de marcha festiva comparece o principe Ilo.

Coro de guerreiros.

Enlacemos os loures, e os myrtos de Cupido, e o echo do prazer resôe por toda a parte.

Succedam aos horrores de Marte as delicias de himeneo. Vamos entregar a nossa alma ao prazer.

Ilo. Terra propicia, cujas benignas auras alimentam a existencia da consorte, e do filho amado, qual contentamento me inspira o teu aspecto encantador! Rodeado de armas, e cercado de perigos, a minha mais lisongeira esperança era de tornar a ver a esposa, e o filho.

Coro Rivedrai la sposa, il figlio
Sarà pago il tuo voler.

Ilo. Cara! deh! attendimi!
Nel tuo bel seno
Volar saprò.
Felice l'aure
Che per te spirano!
Felici i zeffiri
Che a te si appressano;
E avventurato
Dirmi potrò
Quando al mio lato
Ti rivedrò.
La bianca mano
Ti bacerò....
Da te lontano
Più non sarò....
Oh inesprimibile
Dolce diletto!
Di te il mio petto
S' innebriò!

Coro Gli Dei proteggano
Sì bell' ardore:
Lo serbi amore
Che lo destò.

Ilo. Sien grazie ai Numi! un avvenir beato
Gustar potrò di cari oggetti allato.
Ma il fervido desio così mi accende

Coro. Alcançarás a meta dos teus desejos; tornarás a ver a esposa e o filho.

Ilo. Adorado objecto! espera-me, eu corro aos teus braços. São ditosas as auras que respiras, são felizes os zephiros que te affagam, eu serei extremamente feliz ao teu lado; beijarei a tua nivea mão.... eu não soffrerei a pena da tua ausencia... Oh meu inexplicavel contento! tu já transportas a minha alma!

Coro. Protejam os Deuses tão puro affecto, e amor que o fez nascer o torne duradouro.

Ilo. Graças sejam dadas aos Numes! Eu poderei gozar de um porvir feliz ao lado de charos objectos. Porém tanto me inflamma este fervido desejo que toda a demora é para mim afflictiva.

Che penoso ogni indugio al cor mi rende

Zelmira a che non vien?
Ite, o miei fidi,
Voi l'affrettate: a Polidoro, il degno
Genitor di Zelmira,
Che pacifico regna
Nè cadenti suoi dì, dite che il figlio
Rispettoso al suo piede,
Per mai più abbandonarlo, alfin si riede.
Ma non m'inganno! E' quella
La sposa mia?... Si, tu mel dici, o core,
Cò palpiti frequenti! Ah vieni! Ah! vola
A questo sen, bella Zelmira!

SCENA VI.

Zelmira e Detto, indi Emma e Donzelle con coro di Guerrieri.

Zel. (Oh Cielo!
Egli è fra suoi... Svelargli ah! non poss'io
Le funeste vicende.)

Ilo. Ecco le braccia...
Quanto vi desiai, care ritorte!

Porque não apparece Zelmira? Ide, meus amigos, appressai-a; Dizei a Polidoro pai della, e que reina em paz na sua caduca idade, que o filho respeitoso volta aos seus pés para nunca mais o abandonar. Mas não me illudo eu? Não é aquella a minha esposa?.... Sim, coração, tu mo dizes com frequentes palpitações! Ah! vem, ah! corre aos meus amplexos, bella Zelmira!

SCENA VI.

Zelmira e Dicto, depois Emma e Donzellas com Coro de Guerreiros.

Zel. (Oh Ceo! elle está cercado dos seus.... Ah! que eu não posso revelar-lhe os funestos eventos.)

Ilo. Vem aos meus braços....

Zel. Sposo ... (Che pena !) io ti riveggo ... (oh morte !)

Ilo. Ma qual gelida man ? Qual nube ingombra
Il seren dè tuoi rai ?

Zel. Dolce sorpresa ,
Inaspettata gioja ,
Smarriti miei sensi ...

Ilo. E a che t'infingi ? Io veggo
Del dolor che ti opprime
Le traccie su quel volto ...

Zel. E da te lunge
Come gioir potea ?

Ilo. Dunque al contento
Ritorna, o cara, or che ti sono allato.

Zel. Vorrei ... nol posso ... ah mel contrasta il fato !

Ilo. A che quei tronchi accenti ?
Dei ! quel pallor perche ?

Zel. (Reggere a tai tormenti
Possibile non è !

Ilo. Forse di te non degno
Riede il tuo sposo !

Zel. Ohimè !
Deh ! non ti muova a sdegno
Il mio tacer ...

Ilo. Ma che ?
L'affetto hai spento a segno
Ch'io ti son grave ?

Zel. (oh pena!)
Eu te torno a ver.... (oh morte!

Ilo. Mas tua mão é gelada? Que nevoa assombra os teus olhos?

Zel. Um doce abalo, alegria inesperada; minha alma perturbada....

Ilo. E para que finges? eu leio nesse semblante a acerba dor que te opprime.

Zel. Longe de ti como podia eu ter alegria?

Ilo. Alegra-te pois agora que estou ao teu lado.

Zel. Quizera.... mas não posso.... mo contende o fado!

Ilo. Qne significam essas interrompidas expressões? Deuzes! que palllidez é essa?

Zel. (Não é possivel resistir a tanta afflicção.)

Ilo, Julgas talvez que eu volte indigno de ti?

Zel. Ah! Desculpa o meu silencio....

Ilo· Pois tu já tanto me perdestes o affecto que eu te seja importuno?

Zel. Ah! nò...
Più che t'amai ti adoro...
Lungi dà tuoi bei lumi
Deh! voi lo dite, o Numi,
Se l'alma mia penò!

Ilo. E a che sospiri? Il figlio
Forse perì?
Nò, il Cielo
A' preghi miei clemente
Ancor quell' innocente
Al genitor serbò.

Ilo. Ah! se caro a te son'io
Se respira il figlio ancora,
Ecco sorta alfin l'aurora
Della mia felicità?

Zel. (Quanto costa al labbro mio
Trarlo omai dal dolce inganno!
La sua gioja in quanto affanno,
Giusto Ciel! si cangerà!)

Ilo. Dimmi... al tuo padre è noto
Il mio ritorno?

Zel. (Oh istante!)

Ilo. Sieguimi, alle sue piante
Guidami pur...

Zel. Ti arresta!
Non sai... (fremendo)

Ilo. Tu fremi?

Zel. Oh Cielo!

Ilo. Tu piangi?

Zel. Un denso velo

Zel. Ah! não, nunca te adorei como agora.... Tu bem o vês ó Ceo, quanto eu soffri longe delle!

Ilo. Mas porque suspiras? o filho talvez morrera?
Não, o Ceo clemente, aos meus rogos, ao pai o reservou.

Ilo. Ah! se não perdi o teu affecto, se ainda vive o filho, surgio alfim a aurora da minha felicidade?

Zel. (Quanto me custa tira-lo de tão doce engano! Justo Ceo! em quanto afflicção mudar-se-ha a sua alegria!)

Ilo. Dize: sabe teu pai a tua volta?

Zel. (Oh instante!)
Ilo. Segue-me conduz-me aos seus pés,

Zel, Suspende! Não sabes.... (*estremecendo.*)
Ilo. Estremeces?
Zel. Oh Ceo!
Ilo. Tu choras?
Zel, Um denso véo assombra a minha vista.

Già va offuscando il ciglio...

Coro — Zelmira! Oh qual periglio
A te sovrasta!

Em. — Oh misera!
Tu sei perduta....

Coro — Antenore
Insidia la tua vita....

Em. — E in te la ignota mano
Che uccise Azor si addita ...

Em. e Coro — Da stuol feroce, insano
Salvati per pietà!

Zel. — Oh nuovo eccesso!

Ilo. — Ah! spiegati....
Che deggio udir?

A 2.

Zel. — Deh fuggimi!
Torna alla patria, e lasciami
Al fato inesorabile,
Che mi persegue ognor.

Ilo. — (Che mai pensar? che dir?
Tutto è incertezza e orror!
Più barbaro martir
Nò, non provai finor!)

Zel. — (Come parlar? che dir?
E tacer deggio amor?
Ah! non si può soffrir
Sì barbaro dolor!)

Em. e Coro — Sorte spietata, ah! cessa

Coro Zelmira! Oh que perigo te ameaça!

Em. Oh misera! tu estás perdida!...

Coro Antenor insidia a tua existencia....

Em. Todos te accusam homicida de Azor....

Em. e Coro. Salva-te, por piedade, de feroz barbaro bando!

Zel. Oh novo excesso!

Ilo. Ah! explica-te.... Que ouvi?

A 2.

Zel. Ah! foge de mim! Volta á tua patria, deixa-me entregue ao fado inexoravel que me persegue.

Ilo. (Eu não sei o que hei-de pensar ou dizer. Tudo é incerteza e horror! Jamais eu provei tão barbaro martyrio)

Zel. (Que direi eu? e como hei-de eu calarme? Jamais eu provei tão barbara dor.)

Em. e Cor. Desapiedada sorte, desiste do teu

Dal fiero tuo rigor!
Che alla barbarie istessa
E' strano un tal furor.

SCENA VII.

Antenore indi Leucippo, poi Ilo. di nuovo, ed infine Sacerdoti dal tempio.

Ant. T'intendo, instabil Diva, e il crin che m'offri
Audace io stringerò.
Leu. Tutto risponde
A' tuoi voti, o signor, da me sedotto
Di Lesbo e Mitilene
Il volgo ed il guerrier crede in Zelmira
L'omicida di Azor.
Ant. Novello inciampo
A' miei disegni, Ilo qui venne: al figlio
Il diadema degli avi
Sempre intento a serbar, l'armi di Troja
Può muovere a mio danno.
Leu. Ebben col figlio
Cada egli stesso.
Ant. Oh mio verace amico!

rigor! Achariam barbaro o teu furor até as feras.

SCENA VII.

Antenor, depois Leucippo, depois Ilo, e por fim Sacerdotes saindo do templo.

Ant. Comprehendo-te, Divindade voluvel, e me appossarei audazmente da fortuna que me offereces.

Leu. Tudo favorece os teus desejos. Os povos e os guerreiros de Lesbos e Mitylene accreditam que Zelmira foi a homicida de Azor.

Ant. Ha novo estorvo aos meus designios. Ilo aqui chegou: empenhado elle em sustentar os direitos do filho ao throno, pode voltar as armas de Troia contra mim.

Leu. Pois bem: morram pai e filho.

Ant. Oh meu verdadeiro amigo! O teu bra-

Da sì grave periglio
Basti a trarmi il tuo braccio, il tuo consiglio.

Ilo. Quai delitti! Che intesi! oh Polidoro!
Oh Lesbo sventurata!

Leu. (Eccolo!)

Ant. (Ei freme!
Secondami.)

Ilo. Si fugga
Da una tigre che tinta
E' del sangue paterno .... oh infausto lido,
Dove natura è conculcata, oppressa.

Ant. Ilo!

Leu. Signor!

Ant. Sei tu? Qual rio destino
Ti trasse in Lesbo?

Leu. Alla crudel consorte
Avida di tua morte,
Vieni tu stesso ad immolarti?

Ilo. Antenore!
Dell' oppressor di Lesbo
Empio sequace, ah! nel mirarti io fremo!

Ant. Qual fallo è il mio? Della spergiura sposa
La barbarie ne incolpa. Occulto affetto

ço e o meu conselho me livraram de tão grave perigo.

Ilo. Oh crimes! que ouvi! oh Polidoro! oh Lesbos desventurada!

Leu. (Ei-lo!)
Ant. (Elle brama! coadjuva-me.)

Ilo. Fuja-se de um tigre banhado do sangue paterno, que piza aos pés as leis da natureza.

Ant. Ilo.
Leu. Senhor!
Ant. E's tu? que desgraçado evento te encaminhou a Lesbos?
Leu. Vens tu mesmo immolar-te á cruel consorte avida de matança?

Ilo. Antenor! impio sequaz do oppressor de Lesbos, a tua presença me faz estremecer.

Ant. De que sou eu culpado? Acusa a barbaridade da perjura esposa. Occulta chamma nutria por Azor.

Ad Azor la stringea.

Ilo. Ah! più non reggo. Anima infida! E puoi
Tanto infingerti meco?
Esagerarmi l'amoroso affanno?

Ant. Arme usate è per lei scaltrito inganno
Mentre qual fiera ingorda
Arma a ferir l'artiglio,
Nè labbri suoi, nel ciglio
Par che sorrida amor.
Intrepida e sicura
Fede e costanza giura,
Ma di costanza e fede
Le leggi frange ognor.
Di triste ritorte
Oppresse, infelice,
La barbara sorte
Avvinse per te.

Ilo. Oh barbara sorte,
Mio core infelice,
Oh iniqua consorte,
Tradirmi, e perchè?

Ant. Ma i sacri ministri
Che chiedon da me?

Coro Di luce sfavillante
Un raggio balenò,
La voce del Tonante
Nel tempio risuonò.
Antenore di Lesbo

Ilo. Ah! já não resisto. Coração infiel! tanto podes fingir comigo? Podes tanto exagerar a amorosa afflicção?

Ant. Os enganos são armas faceis para ella. Similhante a fera fominta prepara as garras para ferir, em quanto os olhos e os labios fallam d'amor. Intrepida e segura, jura amor e fidelidade; mas sempre infringe estas leis. Desgraçado! a barbara sorte prendeo-te a um laço oppressor e tyrannico.

Ilo. Oh! barbara sorte! oh meu infeliz coração! Merecia eu ser traído por tão iniqua consorte?

Ant. Mas que pretendem de mim os sacros ministros?

Coro. Radiou uma luz scintillante. Resoou no templo a voz do Tonante. Seja Antenor amparo e defensor de Lesbos; pertence-lhe um reino que tanto mereceo.

Sia difensor, sostegno:
A lui dovuto è un regno
Che tanto meritó!

Ilo. Oh smanie atroci!

Ant. Oh giubilo!

Coro Vieni la fronte a cingere
Del real serto. Ai popoli
Vieni a donar la pace,
Lesbo dolente e misera
Sciolga dà lacci il piè.

Ant. Ah! dopo tanti palpiti
Contenta è alfin quest 'anima,
No, che non posso esprimere
Qual gioja io sento in me.

Coro Di guerra il grido infausto
Dovrà cessar per te.

Ant. Oh giubilo! qual gioja
Sento brillar in me!

SCENA VIII.

Zelmira col figlio, ed Emma.

Zel. Emma fedel, del tuo bel core io chieggo
Di tenera amistà la prova estrema.

Em. Del sangue mio fa d'uopo?
Fino all' estrema stilla
Versalo pur.

Ilo. Oh raiva atroz!
Ant. Oh jubilo!
Coro Vem cingir a frente do real diadema. Vem dar a pâz aos povos. Lesbos oppressa e misera seja por ti libertada.

Ant. Ah! depois de tantos cuidados minh'alma respira alegria. Não, não posso expressar o meu contentamento.

Coro O grito infausto de guerra cessará por ti.
Ant. O prazer arrebata os meus sentidos.

SCENA VIII.

Zelmira com o filho e Emma.

Zel. Minha fiel Emma, peço ao teu coração a ultima prova de uma terna amizade.

Em. Se for preciso sangue, eu o verterei todo.

Zel. Finche lo sposo io possa
Disingannar, del padre mio la sorto
Palesargli, fuggir da questo lido
In ermo asilo, ove gli ostili agguati
Fian vani a danno suo, serbami il figlio.
L'ascondi; è a lui
Periglioso ogn'istante... Oh sorte atroce!
Il vincolo più sacro e insiem soave
Vuoi rendete per me cos' infelice
Di consorte, di figlia, e genitrice!
(al figlio) Perche mi guardi e piangi
Parte del sangue mio?
Forse l' estremo addio
M' annunzia il tuo dolor?

Em. Ma qual pensier funesto?
Lascialo....

Zel. Un' altro amplesso....

Em. Tradirlo può l'eccesso
Del tuo materno amor.

A 2.

Ah! chi pietà non sente
Del mio/tuo crudele affanno,
O chiude un cor tiranno,
O non ha in petto un cor.

Zel. Salva meu filho, em quanto vou desenganar o meu consorte, descobrir-lhe a sorte do pai, fugir desta terra para um solitario asylo, onde as insidias dos inimigos fiquem baldadas. Ah! esconde-o; cada instante é perigoso para elle.... O' cruel destino que tornas infaustos os sagrados vinculos de mãi, esposa, e filha! (*voltandose para o filho.*) Porque olhas para mim e choras? Parte das minhas entranhas, talvez a tua dor annuncie o teu extremo adeus?

Em. Mas que funesto pensamento! Deixa-o.....

Zel. Outro amplexo.....

Em. O excesso do teu amor materno lhe pode ser funesto.

A 2.

Ah! quem não se compadece da minha/tua afflicção, ou não tem coração, ou o tem mui tyranno.

SCENA IX.

Atrio nella reggia ov'è innalzato un trono.

Festiva marcia: precedono le guardie di Lesbo e Mitilene; seguono i grandi di entrambi i regni; indi le reali donzelle cinte di ghirlande di fiori; infine al fianco del gran Sacerdote e di Leucippo, ed in mezzo ai ministri di Giove, si avanza Antenore in regal manto e colla testa nuda. Alcuni recano la corona e lo scettro. Durante la marcia, e finche Antenore è condotto sul trono si canterà il seguente:

Coro Sì fausto momento,
Di gioja e piacer,
Di eterno contento
Già sembra forier.
Si sparga di fiori
Del soglio il sentier,
Da bellici orrori
Sia lungi il pensier.
Se dono di Numi
E' Antenore al trono
Godiam del gran dono,
Giuriamo a lui fè.

SCENA IX.

Atrio do palacio real onde está erigido um throno.

Marcha festiva. precedem as guardas de Lesbos e Mitylene: seguem os grandes d'ambos os reinos, depois, as donzellas reaes cingidas de grinaldas; por fim ao lado do grão Sacerdote e de Leucippo, e no meio dos ministros de Jupiter comparece Antenor com o manto real e a cabeça nua. Alguns trazem a coroa, e o sceptro. Durante a marcha, e em quanto Antenor é conduzido ao throno canta-se o seguinte:

Coro. Um tão fausto momento de goso e prazer parece presagiar inalteravel contentamento. O caminho que conduz ao throno seja coberto de flores, e fujam os bellicos horrores do nosso pensamento. Sopre o ar tranquillo depois da negra tempestade, e em vez de pranto reine em todos os corações a alegria. Se Antenor no throno é um presente dos Numes, approveitemo-nos de tão preciosa dadiva, jurando-lhe fidelidade. O mais illustre dos he-

Maggior fra gli eroi
Per senno e valore
Di Lesbo, di noi
Sia padre, sia re.

Ant. Sì, figli miei, di Lesbo
Padre, sovrano e amico,
Al suo splendore antico
Renderla appien saprò.

Léu. Quel fronte illustre usato
A verdeggianti allori,
Regal diadema onori,
Regga lo scettro aurato
(Prende la corana, e ne adorna il capo di Antenore.)
La destra che ti rese
Chiaro per l'alte imprese.

Tutto il Coro ed Ant.

E in $^{te}_{me}$ di amor paterno,
In $^{noi}_{voi}$ di pura fede
Stringa un legame eterno
Il Ciel che $^{ti}_{mi}$ premió.

Leu. Alle squadre, che fervide all'etera
Giá gli evviva lietissime inalzano
Ti presenta: la regia tua porpora
Loro accresca la gioja, il piacer.

Ant. Si... si vada! (momento di giubilo.
Qnanto all'alma tu sei lusinghier!)

roes por sabedoria e valor, seja nosso pai e rei.

Ant. Sim, meus filhos. soberano, amigo, e pai, prometto restituir a Lesbos o seu antigo esplendor.

Leu. Esta illustre frente acostumada a verdes louros cinja o real diadema. Sustente o sceptro de ouro *(Toma a corôa, e a põe na cabeça a Antenor.)* essa dextra que te ha illustrado em tão altas empresas.

Todo o Coro e Ant.

E em ti/mim de paterno amor; em nós/vós de pura fidelidade conserve ardor eterno o Ceo que te/me premiou.

Leu. Apresenta-te ás tropas, que ardentes te acclamam, e enchem os ares de alegres vivas; a tua real purpura augmente o seu jubilo e prazer.

Ant. Sim.... vamos (oh quanto lisongea a minh'alma tão ditoso momento!)

Coro e Leu. Questo giorno ridente, propizio
Sia di calma l'amico forier.

SCENA X.

Ilo, indi Leucippo guardingo, infine Zelmira.

Ilo. Il figlio mio,
Stelle, dov'è?
Ah! nol veggio,
Che pena!... ohimé!
Lo chieggo invano...
Da me sparí....
Barbara mano
Me lo rapí.
O ciel! la smania
Mi strazia il cor!
Non so resistire
Al rio dolor.
(Cade in deliquio su di una sedia.)

Leu. (Eccolo: ansante.
Giunger la vidi,
E le sue piante
Volli seguir
Svenne! propizio
E' omai l'istante....
Giovi ad Antenore
Il suo morir.)
(Impugna uno stilo e si avanza a ferire

Coro e Leu. Seja este dia risonho e propicio presago de paz.

SCENA X.

Ilo, depois Leucippo circumspecto, depois Zelmira.

Ilo. Qual será o destino de meu filho! Ah! eu não o posso encontrar! oh Ceos! que afflicção! Em vão o procuro... eu o perdi... uma mão barbara mo roubou. Ceos! não sei resistir á afflicção que me opprime.
(*Cáe sem sentidos sobre uma cadeira.*)

Leu. (Ei-lo: o vi chegar cançado, e o quiz seguir. Desfaleceo! O instante é propicio.... A sua morte será vantajosa a Antenor.

(Puxa pelo punhal e approxima-se a Ilo para

Ilo. Zelmira che giunge dall'altro lato corre a fermarlo, trattenendogli il braccio e disarmandolo all'improvviso. Leucippo profitta di tale circostanza e lasciando il pugnale in mano a Zelmira si appressa ad Ilo e lo scuote.

Zel. Che tenti? ah fermati!
Leu. (*all'arte.*) Ah perfida!
Ilo, deh! salvati.
Ilo. Che miro! oh fulmine!
Zel. (*a Leucippo*) Empio! che mediti!
Leu. S'io non giungea
Pronto a salvarti,
La donna rea
Volea svenarti.
Zel. Ah! non é vero....
Sappi, egli stesso....
Ilo. Numi! qual nero,
Qual nuovo eccesso!
Di sangue sazia
Non sei tu appieno?
Ebben feriscimi,
Ecco il mio seno....
M'unisci, o barbara,
Al genitor.
Zel. Ah! sposo ascoltami....
Ilo. Vanne, spietata.
Zel. Colui scagliavasi
Con destra armata....

o ferir, Zelmira chega do lado opposto suspende o golpe detendo o braço de Leucippo, e o desarma. Leucippo aproveita esta circumstancia, e deixando ficar o punhal na mão de Zelmira acorda Ilo.)

Zel. Que tentas? suspende!
Leu. (Valha-me a astucia!) Ah perfida! Ilo, salva-te.
Ilo. Que vejo! oh raio!
Zel. (*a Leu.*) Impio! que meditas!
Leu. Se eu não chegasse a perfida mulher te degolava.

Zel. Ah! não é verdade... sabe que elle mesmo....
Ilo. Numes! que novo excesso de crueldade! Ainda não te fartaste de sangue? Pois bem, mata-me.... aqui está o meu peito.... Ajunta-me ó barbara, a teu pai.

Zel. Esposo! ah! escuta....
Ilo. Vai-te, desapiedada.
Zel. E' elle que com mão armada....

Leu. Nó, non difenderti....
Taci, o colpevole,
La tua ferocia
E' manifesta....
Ilo. Oh della Libia
Belva funesta!
Fuggi, allontanati
Dal mio furor.
Zel. Oh qual calunnia!
Che pena é questa!
Sento dividermi
A brani il cor,
Leu. (Vendetta, ah! saziati
Nel suo dolor.

SCENA XI.

Antenore frettoloso con Coro di Guerrieri e Donzelle con Emma.

Ant. Che avvenne?
Leu. Al suo consorte
Era per dar la morte
Quell' anima crudel.
Coro Come!
Ant. Che ascolto!
Tutti Oh Ciel!
Tutti, ad eccezione di Zelmira.
La sorpresa, lo stupore
Mi ha colpit$^{a}_{o}$ sbalordit$^{a}_{o}$!
Giá m'ingombra un tetro orrore....
Mi circonda un freddo gel.

Leu. Não, não te defendas.... cala-te, ó culpada; é manifesta a tua ferocidade.

Ilo. Oh fera infausta da Libia! foge, salva-te do meu furor.

Zel. Oh negra calumnia! que affiicção é esta! sinto o coração rasgar-se a pedaços.

Leu. (Sacia-te; minha vingança na sua dor.)

SCENA XI.

Antenor apressado com Coro de Guerreiros, e Donzellas com Emma.

Ant. Que aconteceo?
Leu. Essa alma cruel estava para matar o seu consorte.

Coro Como!
Ant. Que escuto!
Todos Oh Ceo!

Todos excepto Zelmira.

Tal evento causa pasmo e espanto! o horror faz gelar o sangue nas vei as!

Zel. Giusti Numi, ah! voi che siete
Degli oppressi aita e scudo,
L'innocenza proteggete
Di quest' anima fedel!

Ant. Alla strage ognor ti guida
Nera furia che t'invade;
Tu di Azor fosti omicida,
Tu del padre i giorni hai spenti....

Zel. Cessa.... oh indegno! e questi accenti
Frena pur....

Ant. Guardie! alla pena
Sia serbata....

Coro A morte, a morte!

Zel. e Ilo. Stelle avverse! iniqua sorte!
Oh inaudita avversitá! / crudeltá!

Coro, Ant. e Leu.

Vanne pur fra le ritorte,
Vanne, o mostro d'empietá.

Tutti Fiume che gli argini
Rompe e sorpassa,
Tremenda folgore
Che uccide e passa,
E' men terribile
Di quell affanno,
Che inesorabile
Mi strazia il cor.

(Zelmira é condotta fra le guardie.)

FINE DELL' ATTO PRIMO.

Zel. Justos Deoses! ah! vós que sois o amparo dos miseros, protegei a innocencia desta alma fiel!

Ant. A furia que te domina sempre te pede sangue? Tu foste homicida de Azor.... tu mataste o pai....

Zel. Cessa... oh indigno! suspende ao menos taes dictos...

Ant. Guardas! reservai-a ao castigo...

Coro Morte! morte!

Zel. e Ilo. Fado adverso! iniqua sorte! oh inaudita adversidade! crueldade!

Coro, Ant. e Leu.

Vai gemer entre ferros, ó monstro d'impiedade.

Todos. Rio que tresborda, tremendo raio que mata ao passar, são menos terriveis do que esta pena inexoravel que devora o coração.

(Zel. parte entre guardas.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ATTO II.

SCENA I.

Sala magnifica come prima.

Antenore e Leucippo da parti opposte.

Leu. Gran cose, o re.
Ant. Che rechi?
Leu. Al suo consorte
Questo foglio Zelmira
Dal carcere invió! Di un fido servo,
Che la educò bambina,
La pietade destò. Ma fu dà miei
Costui sorpreso e messa in ceppi. Ah! leggi
Ed inarca le ciglia.
Ant. » Ilo, deh! vola
» Co' tuoi prodi a salvarmi. Allor saprai
» Che rea non son, nè parricida: il cielo:...

ACTO II.

SCENA I.

Sala magnifica como no Acto Primeiro.

Antenor e Leucippo por oppostos lados.

Leu. Grandes cousas, meu rei.

Ant. Que trazes de novo?

Leu. Zelmira enviou do carcere esta carta ao seu consorte! Um velho creado que desde o berço a educou teve compaixão della. Foi surprehendido pelos meus, e posto a ferros. Ah! lê, e estremece.

Ant. " Ilo, vem com os teus valentes salvar-
" me. Então saberás que não sou cri-
" minosa, nem parricida : o Ceo....
" um meu feliz engano.... basta....
" corre.... appressa-te.... á com-

» Un mio felice inganno....
» Basta.... corri.... ti affretta
» Di me .... del padre .... alla comun vendetta. »
Quai sensi? è Polidoro
Forse spento non è?

Leu. Ma tra le fiamme.
Ei non perì di Cerere nel tempio,
Dopo che al vincitor Zelmira istessa
L'asil del padre palesò?

Ant. L'arcano,
Che qui si asconde, ad ogni costo io voglio,
Leucippo, penetrar.

Leu. Fingi clemenza;
Sciogli Zelmira, osserva,
Vigila i passi suoi.

Ant. T'intendo... io fremo!

Leu. Sguardo linceo, arte, prontezza, ardire.

Ant. Pria che cedere il tron saprò morire.

SCENA II.

Campagna come nell' Atto Primo.

Ilo pensieroso, indi Polidoro dalla tomba.

Ilo. A che difendi una sleale, un' empia,
Infelice mio cor? Di ardente affetto,

" mum vingança de mim.... do
" pai.... ,,

Que li eu? Polidoro pois não morreo?

Leu, Mas não foi elle victima das chammas no templo de Ceres quando a propria Zelmira denunciou o asylo do pai ao vencedor?

Ant. Leucippo o todo o custo quero descobrir este mysterio.

Leu. Finge clemencia, solta Zelmira, observa, e vigia os seus passos.

Ant. Eu te entendo, e estremeço!

Leu. Olhos sagazes, arte, promptidão e ousadia.

Ant. Saberei morrer antes que ceder o throno.

SCEEA II.

Campina como no Acto Primeiro.

Ilo pensativo, depois Polidoro do tumulo.

Ilo. Porque defendes uma ingrata, uma perfida, meu infeliz coração? porque

Che ti strugge per lei, tu fai sentirmi
La fatal possa ancora?
Taci, pietà non merta, è rea ... che
mora!
Ma intanto il figlio amato
Chi rende a me? Misero padre!
Ah! questo
Dè fulmini del fato è il più funesto!
Ma chi da quella tomba
Avanza il piè? Numi possenti! è
un sogno?
(riconosce Polidoro)
E' un' illusione?

Pol. Ilo! e fia ver? Mio figlio!
Ah! mi è dato il vederti
Pria di chiuder le luci?

Ilo. Io non m'inganno,
Padre, tu vivi, e di Zelmira indegna
Non cadesti tu vittima?

Pol. Rispetta
L'alta virtù di lei ... misera figlia!
Deggio ad essa i miei giorni: in
quella tomba
Seppe celarmi, e poi
All' oppressore Azor finse ch'io m'era
Chiuso colà di Cerere nel tempio
Da Sacerdoti cinto,
E quel sacro recinto allor quell' empio
Alle fiamme dannò.

Ilo. Dunque è innocente

me fazes ainda sentir os effeitos de uma paixão ardente? Emmudece, ella é indigna da tua piedade.... que morra! Mas entretanto quem me restitue o filho amado? Misero pai! este é o raio mais funesto que soltou contra mim o fado adverso! Mas quem sáe daquelle tumulo? Numes! que vejo será esta uma illusão?

(*Reconhece Polidoro.*)

Pol. Ilo! não me engano eu? meu filho! eu posso ainda ver-te antes de morrer?

Ilo. Não, não me engano, pai, tn vives, pois não fostes victima da indigna Zelmira?

Pol. Respeita a sna grande virtude.... Misera filha! Eu lhe devo a vida: ella soube occultar-me naquelle tumulo, e enganou Azor inventando que me havia refugiado com os sacerdotes no templo de Ceres, e o tyranno fez incendiar aquelle recinto sagrado.

Ilo. E' pois innocente a minha esposa?

La sposa mia?

Pol. La sua filial pietade,
Non curando i perigli,
Mi alimentò, mi resse in vita.

Ilo. Ah! padre
M'abbraccia! Un sol momento
Ha tutto in me cangiato....
Innocente Zelmira? Oh me beato!
In estasi di gioja
Tutto rapir mi sento,
Non reggo a quel contento
Che già m'inonda il cor!

Pol. Di tante pene e tante
Che tollerai finora,
Cosí felice istante
Temprando va il rigor.

a 2. Piacere inesprimibile,
Oh quanto sei soave!
Pace tu rendi all' anima
Già oppressa dal dolor!

Ilo. Vieni: le navi Frigie
Ti fian d'asilo, intanto
Che co' miei prodi Antenore
Io scenda a debellar.

Pol. Tu solo... io inerme... i perfidi
Nemici che si aggirano
A noi d'intorno... Ah! vittima
Potrei di lor restar.

Ilo. Ebben, di nuovo celati:
Tu mi vedrai qui rapido

Pol. A sua piedade filial, despresando todos os perigos me salvou a vida e me sustentou.

Ilo. Ah! pai, abraça-me! E' innocente Zelmira, neste momento me tornaste feliz! A alegria arrebata a minha alma, o meu coração não resiste a tanto contentamento!

Pol. Tão feliz instante suavisa o meu longo soffrimento!

A 2. Este prazer inexprimivel socega a alma atormentada de dor!

Ilo. Vem: os navios phrygios te acolherão, entretanto com os meus valentes vou debellar Antenor.

Pol. Tu só.... eu inerme.... os perfidos inimigos que nos rodeiam.... Ah! poderia eu ser victima delles.

Tornar co' miei....

Pol. No.... lasciami ....
Corri a salvar Zelmira ....

Ilo. A sì bel voto aspira
Il tenero mio amor.

a 2. Tu accresci il suo/mio coraggio,
Oh amico ciel pietoso!
Splenda sereno un raggio
Dopo sì lungo orror!

SCENA III.

Zelmira, indi Emma, in osservazione Antenore, e Leucippo con guardie.

Zel. Chi sciolse i lacci miei? Forse co-
nobbe
Ilo la mia innocenza, e del tiranno
Mi ottenne libertà. Padre tu ignori
Le pene mie, l' arrivo
Del mio sposo a te caro ....
Emma, a che giungi
Frettolosa così?

Em. Lieta novella....

Ant. (Si ascolti.)

Zel. E quale?

Em. Io vidi
Ilo, che verso il lido
Movea veloce il pie; s'arresta, e

tardarei a libertar-te.

Pol. Não, deixa-me.... Corre a salvar Zelmira.

Ilo. Este é o ardente desejo do meu coração.

a 2. Ceo piedoso, augmenta o seu/meu valor. Deixa resplandecer o teu sereno raio depois de tanto horror.

SCENA III.

Zelmira depois Emma, e em observação Antenor e Leucippo com Guardas.

Zel. Quem me soltou? Talvez Ilo conhecesse a minha innocencia, e alcançasse do tyranno a minha liberdade. Pai, tu ignoras as minhas penas, e a chegada do meu esposo a quem consagras tanto affecto... Emma, porque chegas tão appressada?

Em. Boa noticia...

Ant. (Ouçamos.)

Zel. De que?

Em. Eu vi Ilo ir para a praia appressado, e assim me fallou: Disse: Dize á minha esposa, e ao pai

ratto
Mi dice... Ah! vola alla mia sposa... il padre.
Dal sepolcro degli avi
U' ascoso il ritrovai
Sul trono assideró fra lieti evviva.

Leu. Su, Guerrieri! guerrieri!
Il colpo è fatto! mi seguite.
[Entra rapidamente nella tomba colle guardie.]

Ant. Ah! indegna!
Tu sei tradita.

Zel. Ohimè!

Ant. Più non ti giova
Il disegno sagace.

Zel. Ah! qual m'invade
Fremito orrendo! E fosse mai possibile?

Ant. Vedilo! E' Polidoro
[Mostrando il padre, che vien guidato dalle guardie.]
Già in mio poter....

Zel. Oh me infelice! o furie!
Ah! che diss'io!

SCENA IV.

Polidoro condotto da Leucippo e Guardie.

Pol. Sì, m'uccidete, o barbari,

que do sepulchro avito aonde se acha escondido eu o conduzirei ao throno no meio de alegres vivaa.

Leu. Guerreiros, a empreza é certa! vamos.

(*Entra rapidamente no tumulo com as guardas.*)

Ant. Ah! indigna! tu és traída.

Zel. Oh misera!

Ant. Já de nada te serve o teu sagaz artificio.

Zel. Ah! de que horrivel estremecimento estou eu possuida! Será possivel?...

Ant. Observa-o! Polidoro está

[*Mostrando-lhe o pai que chega entre guardas.*]

já em meu poder.

Zel. Infeliz de mim! oh furias! Ah! que disse eu!

SCENA IV.

Polidoro conduzido por Leucippo e guardas.

Pol. Sim, matai-me, ó barbaros, mas

Ma presso alla mia figlia.

Zel. Oh sventurata!

Em. Pol. Oh momento!

Ant. (Oh piacer!)

Leu. (Felice inganno!)

Ant. (a Polidoro)
Nè lacci miei cadesti

(a Zel.) Già l'artifizio è vinto:
E il genitore estinto
A' piedi tuoi cadrà.

Pol. Se del mio sangue hai sete,
Spictato! il colpo appresta:
Di morte è più molesta
A me la tua viltà.

Zel. Me sola uccidi .... io sola
Seppi smaltir l'inganno ....
Io del tuo cor tiranno
Sfidai la crudeltà.

Leu. No....fia maggior tormento
Per te vederlo oppresso....

Em. (Oh di furore eccesso!
Oh nuova iniquità!)

Zel. Pol. (Ah! m'illuse un sol momento!
Mi credei felice appieno
Ma sparì qual nebbia al vento
La speranza del mio cor.)

Leu. Ant. Più del fato io non pavento,
A me fausto arride appieno,

ão lado de minha filha.

Zel. Desventurada!

Em. Pol. Oh momento!
Ant. Oh prazer!
Leu. Engano feliz!
Ant. (a Polidoro.)
Caiste nos meus laços,
(a Zel.) Já venci o teu artificio, e o amado pai cairá exanime a teus pés.

Pol. Desapiedado! se tens sede do meu sangue appressa o golpe: mais do que a morte me enfada a tua vileza.

Zel. Seja eu só a tua victima .... eu só soube armar o engano .... Eu desafiei a crueldade do teu tyranno coração.

Leu. Não, causar-te-ha maior afflicção vê-lo oppresso, e amargurado...

Em. (Oh excesso de furor! oh nova iniquidade!)

Zel. Pol. (Ah! illudia-me um só instante! Julguei-me inteiramente feliz, mas desappareceo a minha esperança como nevoa dissipada pelo vento.

Leu. Ant. (Já não me assusta o fado, elle é para mim risonho, e o receio

E sparì qual nebbia al vento
Ogni tema del mio cor.)

Em. (L' ha sedotta un sol momento,
E perduto ha il genitor.)

SCENA V.

I Guerrieri di Mitilene si avanzano recando un' urna: le Donzelle accorrono.

Guer. Di Azor le ceneri
Quest' urna serra
Abbatti, atterra
Chi lo svenò.

Ant. Ecco la perfida,
La traditrice,
Che all' infelice
Morte recò.

Guer. Cada quell' empia . . .

Pol. Fermate . . . ah! no . . .

Em. Donz. (prostrate.)
Sospendi il fulmine . . .

Ant. Leu. Guer. Strage! vendetta!

Em. Donz. Ti parli all' anima,
Signor, pietà.

Pol. (alle Donz. e ad Em.) A chi voi supplici?
A un' oppressore?
Allontanatevi,
Qual rea viltà!

Ant. (alle guardie) Oscuro carcere

desappareceo da minha como nevoa dissipada pelo vento.

Em. (Um só momento de illusão me fez perder o pai.)

SCENA V.

Avançam os Guerreiros de Mitylene trazendo uma urna; comparecem depois as Donzellas.

Guer. Esta urna encerra as cinzas de Azor: abate, atterra quem o matou.

Ant. Eis a perfida, a traidora que deo a morte ao infeliz.

Guer. Morra a impia.

Pol. Suspendei .... ah! não ....

Em. Donz. (prostradas.) Detende o raio ...

Ant. Leu. e Guer. Sangue! vingança!

Em. Donz. Senhor, escuta a piedade!

Ant. Leu. Rigor .... justiça.

Guer. Jámais piedade.

Pol. (ás Donzellas, e a Emma.) A quem vos humilhais? a um oppressor? Affastai-vos, esta é uma criminosa vileza.

Ant. Seja guardado em horrendo car-

L' eroe rinchiuda
Che la sua audacia
Frenar non sa.

Zel. Me ancora, o barbari,
Me strascinate....

Em. Donz. Oh qual perfidia,
Qual empietà!

Zel. Pol. Dè nostri torti il vindice
Avrem nel cielo alfine:
Veggo strisciar la folgore
Che sul tuo crin cadrà.

Ant. Leu. Ma dè celesti il fulmine
Succede al vostro fine,
Ma ognum di voi pria vittima
Del mio/tuo furor cadrà.

Em. Donz. Oh desolata patria!
Sotto le tue rovine
Un rio destino infausto
Ognor ti opprimerà?

Guer. L'ira che accende l'anima,
No, più non ha confine!
L'orgoglio di quei perfidi
Più divampar la fa!

Guerrieri conducono Zelmira e **Pol.**

Em. Voliam, compagne, al lido:
Tutto ad Ilo sia noto: egli si affretti
A salvar gl'infelici. Oh Ciel pietoso!
(Vedendolo giungere.)

cere o heroe que não sabe refrear a sua audacia.

Zel. Barbaros! arrastai-me tambem:

Em.Donz. Oh que perfidia, que impiedade!

Zel. Pol. O Ceo por fim será o vingador de nossas offensas: já vejo scintillar o raio que te ha-de ferir.

Ant. Leu. Mas primeiro que o Ceo sôlte o raio vós morrereis; ambos sereis victimas do meu furor.

Em.Donz. Oh desventurada patria! o destino te prepara ruinas sobre ruinas.

Guer. A alma não póde já conter tanta raiva, e o orgulho desses perfidos cada vez mais a accende. [*Guerreiros conduzem Zelmira e Polidoro.*]

Em. Companheiras, corremos á praia: Ilo saiba tudo, e apprésse os seus a salvar os infelizes. Oh Ceo piedoso! *[vendo-o chegar.]*

Tu qui volgi i suoi passi. Ah prence? accorri!.... (*Incontrandolo.*)

SCENA VI.

Ilo ed Eacide seguiti da guardie, e dette.

Em. E' Pilodoro in preda
Dell' empio usurpator....
Ilo. Stelle! qual colpo!
Em. Or di entrambi la morte
Antenore minaccia: un solo instante.
Puó forse agl' infelici esser funesto.
Ilo. Santi Numi del Ciel, che giorno è quosto!

SCENA VII.

Orrido Sotterraneo.

Polidoro è svenuto su di un sasso, Zelmira dolente gli è al fianco; poi Antenore, Leucippo, poi tutti.

Zel. Oh padre! il duol, l'affanno
Ti oppresse i sensi. Ah! torna in vi-

O' principe não tardes a soccorrer-nos! [*encontrando-o.*]

SCENA VI.

Ilo seguido de guardas e ditas.

Em. Polidoro caio em poder do usurpador.....

Ilo. Ceos! é possivel?..... oh lance!

Em. Agora Antenor ameaça a morte de ambos: um só instante lhes póde ser funesto.

Ilo. Numes do Ceo, que dia é este!

SCENA VII.

Subterraneo horroroso.

Polidoro desfallecido sobre uma pedra, Zelmira abatida ao seu lado; depois Antenor e Leucippo, e depois todos.

Zel. Oh pai! a dôr, e a afflicção opprimio os teus sentidos. Ah!

ta. . . . almeno
Gli ultimi voti miei, Cielo, deh ascolta!...
Fa ch'ei figlia mi chiami un'altra volta.

Pol. *(rinviene.)*
Chi mi richiama alle sventure?

Zel. Un Nume
Che le mie preci accolse.

Pol. Ah! giá deciso
E' il nostro fato.

Zel. Oh barbaro consorte!
Cosí tu ne abbandoni
Al nemico furor?

Pol. Ah! strider sento
La ferrea porta....

Zel. Ecco il momento estremo
(entrano Ant. e Leu.)
Antenore! Leucippo!

Pol. Oh vista! io fremo!

Ant. Sí... fremi pur... giá l'alma é a te presaga
Del destin che ti attende....

Pol. Ebben, appaga
L'ira che ti arde in sen....

Zel. Che fai? Rispetta,
[facendo scudo a suo padre.]
Empio, i suoi giorni.

torna em ti.... Oh Ceo! escuta ao menos os meus derradeiros votos!... permitte que elle me chame filha ainda uma vez.

Pol. (*torna a si.*)
Quem me chama a novas desventuras?

Zel. Um Nume que cedeo aos meus rogos.

Pol. Já se decidio o nosso fado.

Zel. O' barbaro consorte, assim tu nos abandonas ao furor inimigo?

Pol. Ah! ouço ranger a ferrea porta...

Zel. Chegou o momento extremo....
(*entram Ant. e Leu.*)
Antenor! Leucippo!

Pol. Oh vista! eu bramo!

Ant. Sim.... estremece.... já te presagia a alma o fim que te espera.

Pol. Pois bem, satisfaze o furor que nutres no teu coração.

Zel. (*interpondo-se.*)
Que fazes? respeita os seus dias.

Ant. Di vani accenti
Or più tempo non è.
(Si ode rumor di arme misto a sussurro di voci e varj colpi.)
Cori di lontano. All' armi! all' armi!
Ant. Ma qual fragor!
Leu. Quai colpi?
Zel. Oh Ciel!
Pol. Che fia?
Coro più vicino. Morte all' usurpator!
Leu. Ah! ne tradisci
O ria fortuna!
Ant. Invendicato almeno
Io non cadrò....
(Snuda il suo ferro e si scaglia su Polidoro. Ardita Zelmira brandisce un pugnale, e difende suo padre. Intanto i colpi e lo strepito dell' armi raddoppiansi)
Zel. Non ti appressar: d'un ferro,
Che cauta ognor celai,
Mi arma ancora la destra un
Nume amico.
Coro Viva Zelmira e Polidoro!
Pol. Zel. Oh sorte!
[Entra rapidamente Ilo col ferro nudo seguito da Guerrieri trojani, Donzelle ed Emma col piccolo figlio di Zelmira. Antenore e Leucippo son di-

Ant. Já não é tempo de vãs palavras, *(ouve-se fragor d'armas, vozes, e golpes.)*

Coro ao longe. A's armas! A's armas!
Ant. Que fragor!
Leu. Ouço golpes!
Zel. Oh Ceo!
Pol. Que será isto?
Coro mais perto. Morte ao usurpador!
Leu. Cruel fortuna nos atraiçoas!

Ant. Não morrerei inulto....
(Desembainha a espada, e lança-se contra Polidoro. Zelmira com denodo puxa por um punhal, e defende seu pai. O estrepito das armas e os tiros augmentam.)

Zel. Afasta-te: ainda póde com a protecção do Ceo occultar um ferro.

Coro Viva Zelmira e Polidoro!
Pol. Zel. Oh sorte!
(Entra rapidamente Ilo com a espada desembainhada seguido dos guerreiros Troyanos, donzellas e Emma com o pequeno filho de Zelmira, Ant. e Leu.

sarmati e posti in catene.]

Ilo. Ah! venite al mio sen, padre, consorte!

Ant. (Oh dispetto!)

Zel. Oh piacer! Figlio, ti stringo
Un' altra volta al mio materno seno!

Leu. (Ah! la rabbia m'uccide!)

Ilo. Ite, o crudeli,
Alla pena dovuta ai vostri eccessi.

[Leucippo ed Antenore sono strascinati altrove.]

Zel. Stelle! e fia ver? Ah! dopo tante pene
Un momento di pace a me sen viene!
Riedi al soglio: irata stella
Se ne chiuse a te il sentiero,
Pura fede, amor sincero
Ti richiama al tuo splendor.
No, più affanni in me non sento;
Ah! felice appieno io sono,
Se serbai la vita, il trono
All' amato genitor.

Coro di Guerrieri e Donzelle.

Fia più grato un sì bel dono
Se a te l' offre il suo gran cor!

são desarmados e agrilhoados.)

Ilo. Ah! abraçai-me pai e consorte!

Ant. (Oh raiva!)

Zel. Oh prazer! oh filho, ainda posso abraçar-te!

Leu. (O furor mata-me!)

Ilo. Ide, malvados receber o castigo devido aos vossos crimes.

(Leu. e Ant. são conduzidos pelas guardas.)

Zel. Oh Ceo! será verdade? depois de tantas afflicções terei um momento de paz! Volta ao throno: se fado adverso te privou d'elle, agora pura fidelidade e amor sincero te chama ao seu esplendor Não, já não sinto o pezo das minhas afflicções, logo que tenho podido recuperar vida e o throno ao amado pai.

Coro de Guer. e Donz. Tão bello presente mais lhe agradará por vir do teu bello coração.

Pol. Sì, mi è grato un tanto dono
Se mi vien dal tuo bel cor.

Zel. Deh! circondatemi — miei cari oggetti,
Voi che nell'anima — soavi affetti,
Care delizie — destate ognor.
Ah! sì, compensino — sì dolci istanti
Le pene i palpiti — ch'ebbi finor.
E dopo il nembo — di pace in grembo
Respiri in seno — sereno il cor.

Coro Ah! dopo il turbine — di ria procella
La gioja, il giubilo — c'inondi il cor.

FINE.

Pol. Sim, tão bello presente mais me agrada porque mo offerece um tão bello coração como o teu.

Zel. Vinde, meus charos objectos, ao meu lado, vós sois a delicia da minha alma. Ah! tão jucundos instantes sejam o premio das penas que sóffreo o meu coração! E depois da tormenta gozemos todos os prazeres da bonança na pacifica tranquillidade.

Coro Ah! depois da tormenta góze o coração da mais perfeita paz e alegria.

FIM

Ant. Já não é tempo de vãs palavras, (*ouve-se fragor d'armas, vozes, e golpes.*)

Coro ao longe. A's armas! A's armas!
Ant. Que fragor!
Leu. Ouço golpes!
Zel. Oh Ceo!
Pol. Que será isto?
Coro mais perto. Morte ao usurpador?
Leu. Cruel fortuna nos atraiçoas!

Ant. Não morrerei inulto....
(Desembainha a espada, e lança-se contra Polidoro. Zelmira com denodo puxa por um punhal, e defende seu pai. O estrepito das armas e os tiros augmentam.)

Zel. Afasta-te: ainda póde com a protecção do Ceo occultar um ferro.

Coro Viva Zelmira e Polidoro!
Pol. Zel. Oh sorte!
(Entra rapidamente Ilo com a espada desembainhada seguido dos guerreiros Troyanos, donzellas e Emma com o pequeno filho de Zelmira. Ant. e Leu.

sarmati e posti in catene.]

Ilo. Ah! venite al mio sen, padre, consorte!

Ant. (Oh dispetto!)

Zel. Oh piacer! Figlio, ti stringo
Un' altra volta al mio materno seno!

Leu. (Ah! la rabbia m'uccide!)

Ilo. Ite, ó crudeli,
Alla pena dovuta ai vostri eccessi.

[Leucippo ed Antenore sono strascinati altrove.]

Zel. Stelle! e fia ver? Ah! dopo tante pene
Un momento di pace a me sen viene!
Riedi al soglio: irata stella
Se ne chiuse a te il sentiero,
Pura fede, amor sincero
Ti richiamá al tuo splendor.
No, più affanni in me non sento;
Ah! felice appieno io sono,
Se serbai la vita, il trono
All' amato genitor.

Coro di Guerrieri e Donzelle.

Fia più grato un sì bel dono
Se a te l' offre il suo gran cor!

são desarmados e agrilhoados.)

Ilo. Ah! abraçai-me pai e consorte!

Ant. (Oh raiva!)

Zel. Oh prazer! oh filho, ainda posso abraçar-te!

Leu. (O furor mata-me!)

Ilo. Ide, malvados receber o castigo devido aos vossos crimes.

(Leu. e Ant. são conduzidos pelas guardas.)

Zel. Oh Ceo! será verdade? depois de tantas afflicções terei um momento de paz! Volta ao throno: se fado adverso te privou d'elle, agora pura fidelidade e amor sincero te chama ao seu esplendor Não, já não sinto o pezo das minhas afflicções, logo que tenho podido recuperar vida e o throno ao amado pai.

Coro de Guer. e Donz. Tão bello presente mais lhe agradará por vir do teu bello coração.

Pol. Sì, mi è grato un tanto dono
Se mi vien dal tuo bel cor.

Zel. Deh! circondatemi — miei cari oggetti,
Voi che nell'anima — soavi affetti,
Care delizie — destate ognor.
Ah! sì, compensino — sì dolci istanti
Le pene i palpiti — ch'ebbi finor.
E dopo il nembo — di pace in grembo
Respiri in seno — sereno il cor.

Coro Ah! dopo il turbine — di ria procella
La gioja, il giubilo — c'inondi il cor.

FINE.

Pol. Sim, tão bello presente mais me agrada porque mo offerece um tão bello coração como o teu.

Zel. Vinde, meus charos objectos, ao meu lado, vós sois a delicia da minha alma. Ah! tão jucundos instantes sejam o premio das penas que soffreo o meu coração! E depois da tormenta gozemos todos os prazeres da bonança na pacifica tranquillidade.

Coro Ah! depois da tormenta goze o coração da mais perfeita paz e alegria.

FIM